



Edgar A. Poe

# O homem da multidão

Adaptação: Renato Massaharu Hassunuma

© Renato Massaharu Hassunuma

**Título original**

*The man of the crowd*

**Conselho Editorial**

ENF. ESP. FÁBIO APARECIDO DA SILVA

*Especialista em Enfermagem em UTI Neonatal, Ginecologia e Obstetrícia pela Faculdade de São Marcos – FACSM*

BIOMÉDICA ESP. SIMONE KIKUTI

*Especialista em Análises Clínicas pela Universidade do Sagrado Coração – USC, Câmpus Bauru. Especialista em Hematologia pela Faculdade Metropolitana.*

**Capa e Design**

Renato Massaharu Hassunuma

**Créditos das Figuras**

*Capa, páginas capitulares e contracapa*

Fonte: Autor desconhecido. Kate Richards O'Hare in front of St. Louis Courthouse, May 2, 1914. File:Kate Richards O'Hare in front of St. Louis courthouse, May 2, 1914.jpg [Internet].

1914 May 02 [Acesso 31 out 2023]. Disponível em:

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Kate\\_Richards\\_O%27Hare\\_in\\_front\\_of\\_St.\\_Louis\\_courthouse,\\_May\\_2,\\_1914.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Kate_Richards_O%27Hare_in_front_of_St._Louis_courthouse,_May_2,_1914.jpg). Figura registrada como: *Public domain*.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

---

P798h Poe, Edgar A., 1809-1849

1.ed. O homem da multidão [livro eletrônico] / Edgar A. Poe; tradução e adaptação Renato Massaharu Hassunuma. – 1. ed. – Bauru, SP: Canal 6, 2023.  
PDF.

Título original: The man of the crowd.

ISBN 978-85-7917-627-2

1. Ficção norte-americana. I. Hassunuma, Renato Massaharu.

II. Título.

12-2023/02

CDD 813

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Bibliotecária : Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129



Edgar A. Poe

# O homem da multidão

ADAPTAÇÃO

Renato Massaharu Hassunuma

Professor Titular do Curso de Biomedicina

Universidade Paulista - UNIP, Câmpus Bauru

1ª Edição / 2023  
Bauru, SP

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a ***Biomédica Esp. Simone Kikuti e o Enf. Esp. Fábio Aparecido da Silva***, pelas suas valiosas contribuições na revisão da adaptação do conto.

*Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma*

## APRESENTAÇÃO

O conto “O homem da multidão” foi publicado pela primeira vez em 1840, um ano antes do conto “Assassinatos da Rua Morgue” que marca o início do gênero policial na literatura.

Daí a importância deste conto, que foi quase uma preparação do tipo de texto que seria utilizado futuramente por Edgar Allan Poe nos contos com o detetive Auguste Dupin.

Lembrando que o detetive Dupin foi o primeiro da história da literatura, vindo antes que seus sucessores Sherlock Holmes, Hercule Poirot, Miss Marple, Arsène Lupin, entre outros.

Sem querer dar um *spoiler*, mas o final inusitado deste conto com um *plot twist* bem característico do autor, costuma criar uma certa sensação de estranheza no leitor, assim ocorre em várias obras do escritor.

Mudando um pouco de assunto, deixo registrado aqui o meu perdão aos fãs mais assíduos do autor. A minha intenção nesta adaptação continua sendo a mesma de outras obras que traduzi do mesmo autor: fazer com que leitores iniciantes conheçam e se apaixonem pelas histórias de Poe.

Por isso, neste conto, resolvi reescrever a história usando frases bem curtas. Como fazemos atualmente em nossas mensagens no *whatsapp* ou *twitter*.

Assim, para aqueles que gostaram dessa adaptação, recomendo fortemente que leiam outras traduções do autor e que redescubram o legado maravilhoso deixado por Edgar A. Poe.

*Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma*



Edgar A. Poe

# O homem da multidão

Edgar A. Poe

# O homem da multidão

Existem livros que não devem ser lidos.  
Existem segredos que não devem ser contados.  
Todas as noites, pessoas guardam para si segredos dolorosos.  
Segredos que desesperam seus corações e sufocam suas gargantas.  
Algumas pessoas guardam segredos que serão levados para sepultura.  
Assim, existem crimes que nunca serão desvendados.  
E criminosos que nunca serão descobertos.

Este relato começa há um tempo atrás, em uma noite de outono.  
Eu estava sentado próximo a uma grande janela em forma de arco.  
A janela ficava em uma cafeteria em Londres.

Eu ainda me recuperava de uma doença.  
Meu humor não estava dos melhores.  
Mas poder respirar sem dor, já era um prazer para mim.  
Passei a maior parte da tarde fumando um charuto na boca.  
Enquanto isso, lia um jornal.  
Em alguns momentos, eu lia os anúncios.  
Em outros, eu observava, pela janela, as pessoas andando na rua.

A rua em frente à cafeteria era uma das principais da cidade.  
Durante o dia, a aglomeração era enorme.  
Aumentava ainda mais ao final do dia.  
Naquele horário, as cabeças humanas formavam um mar ondulante.  
Me emocionava poder contemplar aquela cena sem fim.  
Olhava as pessoas andando pela rua.  
Tentava imaginar se algumas delas se conheciam.  
Reparava em seus corpos, roupas, jeitos, rostos...

De longe, a maioria das pessoas pareciam manter um ar imponente.  
Andavam correndo, abrindo espaço em meio à multidão.  
Eles franziam suas sobrancelhas quando eram empurrados.  
Também reviravam os olhos.  
Paravam por um segundo para arrumar suas roupas.  
E então continuavam a andar pela rua.

A maioria das pessoas tinha um olhar mais humilde.  
Tinha um andar inquieto e rostos corados.  
Conversavam e gesticulavam para si mesmos.  
Mas eram solitários em meio à multidão.

Às vezes a rua ficava tão lotada que ninguém conseguia andar. Elas paravam de murmurar repentinamente e começavam a gesticular. Aguardavam que as pessoas andassem, sem nenhum sorriso no rosto. Quando eram empurrados, eles baixavam suas cabeças. Pareciam ser dominados pela confusão.

Não havia nada de muito diferente entre as pessoas que eu observava. Suas roupas eram decentes.

Passavam nobres, comerciantes, advogados e outras pessoas comuns. Essas pessoas não chamavam muito a minha atenção.

Também passavam escritvães.

Estes eram divididos em dois subgrupos visivelmente diferentes.

Os iniciantes eram jovens que usavam casacos apertados, botas brilhantes, cabelos ajeitados com postura de nobreza.

Os mais experientes usavam roupas mais largas, de cores escuras, geralmente pretas ou marrons. Vestiam coletes brancos e calçavam sapatos de bico largo, cobertas por polainas grossas. Suas roupas eram feitas sob medida. Eram pessoas robustas que gostavam de usar roupas confortáveis. Geralmente eram homens calvos com orelhas protuberantes, onde apoiavam canetas que ficavam de pé em uma posição estranha. Tinham mania de tirar ou ajeitar seus chapéus com as duas mãos e ostentavam relógios antigos dourados.

Já os batedores de carteira tinham um visual arrojado.

Eles se infestavam por toda a cidade.

Tentavam se disfarçar entre a nobreza.

Mas o volume de suas pulseiras e o ar de franqueza os denunciavam.

Os viciados em jogos eram facilmente reconhecíveis.  
Usavam uma variedade de roupas: coletes de veludo com grandes decotes, correntes douradas e botões trabalhados.  
Podiam ser reconhecidos por sua franqueza no olhar.  
Também pela sua palidez e lábios apertados.  
Ainda havia duas outras características típicas:  
O tom baixo de sua conversa,  
e o movimento extenso de seus polegares.

Eram cavalheiros que viviam de sua astúcia no jogo.  
Geralmente se mostravam como cavalheiros com longas madeixas e amplos sorrisos ou como militares com casacos pesados e testas franzidas.

E havia ainda uma classe mais humilde de pessoas.  
Eram personagens mais sombrios e profundos.  
Comerciantes com olhar de gavião de falsa humildade.  
Pedintes robustos que intimidavam mendigos mais fracos.  
Inválidos debilitados, suplicantes, cambaleando em meio à multidão.  
Alguns buscando consolo.  
Outros já tinham perdido a esperança.  
Moças pobres e desanimadas voltando depois do trabalho.  
Mulheres de todos os tipos de beleza e de todas as idades.  
Doentes com hanseníase, completamente perdidos em trapos.  
Idosas cobertas de joias e maquiagem, tentando parecerem jovens.  
Uma jovem imatura acostumada às terríveis situações de seu ofício.  
Bêbados imundos com roupas remendadas, cambaleantes, com uma fala mole, olhos sem brilho e rosto avermelhado.  
Pessoas com roupas velhas bem escovadas que um dia foram caras.

Ao lado deles, havia carregadores, carvoeiros, varredoras, tocadores de realejo, adestradores de macacos, cantores, artesãos e trabalhadores exaustos de todos os tipos.

Todos cheios de uma vivacidade barulhenta que se chocava com o incômodo para os olhos.

De repente, começou a escurecer.

Tudo ficou escuro e esplêndido.

A luz das lâmpadas a gás, fracas ao entardecer, agora eram evidentes.

Com um forte brilho iluminavam toda a rua.

As luzes iluminavam os rostos de forma individual.

Quanto mais escurecia, mais me interessava observar as pessoas.

A multidão que passava pela janela mudava.

Os rostos suaves saíam de cena.

Agora, era a vez dos semblantes mais duros.

As pessoas passavam com rapidez pela janela.

Eu não conseguia observá-los mais de uma vez.

Mas ainda assim eu podia ler seus rostos naquele breve intervalo.

Fiquei por um bom tempo.

Olhava a multidão com meu rosto apoiado no vidro da janela.

De repente, um homem me chamou a atenção em meio à multidão.

Ele me olhava com uma expressão de estranheza.

Eu nunca tinha visto antes um olhar como aquele.

Um olhar que misturava inteligência, cautela, miséria, avareza, frieza, malícia, sede de sangue, triunfo, terror e desespero.

Tive uma sensação de atração, medo e fascínio.

Qual seria a história por trás daquele olhar?

Eu sentia uma curiosidade incontrolável de saber mais sobre ele.

Vesti meu sobretudo, peguei meu chapéu e minha bengala.

Sai correndo pela rua, na direção dele, empurrando as pessoas.

Ele já havia desaparecido.  
Mas não desisti.

Algum tempo depois o encontrei.  
Segui o homem cautelosamente, para não chamar a sua atenção.  
Tive oportunidade de examiná-lo melhor.  
Era baixo, magro e aparentemente muito fraco.  
Suas roupas pareciam sujas e esfarrapadas.  
Então, ele se aproximou da luz.  
Percebi que seu linho sujo tinha uma bela textura.  
Parecia ser um casaco de segunda mão.  
Observei que ele carregava algo.  
Parecia ser um diamante ou um punhal.  
Isso me deixou curioso.  
Continuei seguindo o estranho.

Agora já era noite.  
Uma forte neblina cobria toda a cidade.  
Tive a impressão que a madrugada terminaria em uma chuva forte.  
Essa mudança de clima também mudou a multidão.  
Agora todos se escondiam atrás de um mar de guarda-chuvas.  
Havia mais correria, mais barulho e mais empurrões.

Começou a chover.  
Mas não me importava.  
Embora eu estivesse me curando de uma febre.  
A umidade deixou tudo perigosamente agradável.  
Amarrei um lenço cobrindo minha boca.  
Continuei seguindo o homem.  
Ele caminhou por meia hora.  
Caminhava com certa dificuldade.

Às vezes eu chegava perto dele, com medo de perdê-lo de vista.  
Ele não virou a cabeça para olhar para trás nenhuma vez.  
Ele não percebeu que eu estava o seguindo.

Em certo momento, ele seguiu para uma rua mais tranquila.  
Percebi uma mudança em seu comportamento.  
Agora ele andava mais devagar e mais hesitante.  
Atravessou a rua de um lado para o outro sem motivo aparente.  
Ainda havia muita gente andando pelas ruas.  
Às vezes, eu precisava segui-lo mais de perto.  
Ele manteve seu percurso naquela rua por quase uma hora.  
Aos poucos, o número de pessoas que caminhavam pela rua diminuía.

Chegamos então à uma praça alegre e muito iluminada.  
O jeito estranho do homem caminhar reapareceu.  
Ele abaixou sua cabeça.  
Seus olhos se moviam rapidamente, observando tudo ao redor.  
Ele prosseguiu em seu caminho com passos firmes e seguros.

De repente, ele terminou a volta ao redor na praça.  
Então se virou e refez o caminho.  
Estranhei o fato de ele repetir o mesmo caminho várias vezes.  
Houve um momento que ele quase percebeu minha presença.

Passou uma hora.  
Ele parecia fazer um exercício de caminhada.  
Agora, a praça já estava bem mais vazia.

De repente, uma chuva caiu e o tempo esfriou.  
As pessoas saíam correndo para suas casas.  
Com um andar impaciente, o homem seguiu para uma rua deserta.  
Ele saiu correndo de forma tão jovial. Foi difícil de alcançá-lo.

Chegamos então a uma grande e movimentada feira.  
O homem parecia ser bem conhecido por todos.  
Ele caminhava novamente daquele jeito estranho.  
Com seu andar estranho em meio a compradores e vendedores.  
Ficou lá por uma hora e meia.  
Foi preciso muita cautela para que ele não me ver.

Em nenhum momento ele percebeu que eu o observava.  
Ele entrava nas lojas, mas não comprava nada.  
Não falava nenhuma palavra.  
Olhava para todos os objetos de forma desinteressada.

Eu continuava completamente curioso com o seu comportamento.  
Estava decidido a não me separar dele até que estivesse satisfeito.

Um grande relógio anunciou que já eram onze horas.  
Os comerciantes fechavam as lojas.  
Um deles, ao fechar seu estabelecimento, o empurrou sem querer.  
Naquele instante, vi o homem estremecer.

O homem correu para a rua.  
Olhou ansiosamente ao seu redor por um instante.  
Em seguida, correu com uma incrível rapidez.  
Seguiu por várias ruas tortuosas e vazias.

Chegamos na mesma rua onde havíamos começado: a rua do Hotel D.  
O local era o mesmo, porém com outro aspecto.  
Ainda era iluminada por lâmpadas a gás.  
A chuva caía ferozmente e havia poucas pessoas na rua.

O homem estava pálido.  
Caminhou livremente pela avenida, que antes estava lotada.

Depois de um tempo, suspirando, seguiu em direção ao rio.  
Cruzou uma grande variedade de caminhos tortuosos.  
Por fim, chegamos em um local próximo aos principais teatros.

O teatro estava fechado.  
Mas ainda assim, o público se aglomerava em frente às suas portas.  
Vi o velho suspirando antes de entrar na multidão.  
Percebi que a agonia em seu semblante havia diminuído.  
Abaixou a cabeça e ele apareceu como eu o tinha visto no início.  
Ele seguia novamente em direção à outra multidão.  
Eu não conseguia compreender as suas ações.

À medida que ele caminhava, menos pessoas estavam na rua.  
Seu andar estranho e hesitante retornava.

Durante algum tempo seguiu de perto um grupo de uns dez ou doze torrefadores, que aos poucos se separavam até que ficaram um trio em uma rua estreita, sombria e vazia.

O homem parou.  
Por um momento, ele parecia perdido em seus pensamentos.

Depois, seguimos rapidamente por um caminho até o fim da cidade.  
Era uma região bem diferente das ruas por onde passamos.  
Aquele era o bairro mais barulhento de Londres.  
A região mais pobre, onde os crimes ocorriam por desespero.

Luzes fracas, cortiços altos e antigos de madeira roída por larvas,  
pedras no chão colocadas aleatoriamente, grama crescendo para fora  
do canteiro e sujeira horrível nas calhas entupidas.

Aquela atmosfera expressava desolação.

À medida que caminhamos, ouvimos novamente sons de vida humana.  
Uma população londrina bêbada, cambaleando.  
O homem tremia, como a luz de uma lâmpada perto de queimar.

Mais uma vez, ele seguiu em frente.  
De repente, ao virar em uma esquina, vi um forte clarão.  
Ali estava um dos enormes templos suburbanos da gula.  
Era um dos palácios do demônio Gin.

O dia já ia amanhecer.  
Vários bêbados que entravam e saíam do local.  
Com um grito de alegria, o homem entrou no local.  
Retomou sua postura e seguiu em meio à multidão.

Saiu daquele lugar antes que o estabelecimento fechasse.  
Seu semblante parecia desesperado.  
Caminhou energicamente, refazendo seus passos de uma só vez.  
Seguiu até o coração poderoso de Londres.

Eu acompanhava toda sua fuga.  
O sol se levantou, enquanto prosseguimos.  
Chegamos mais uma vez no mercado mais populoso da cidade.  
Este mercado ficava na rua do Hotel D.  
O local parecia menos agitado e mais vazio que na noite anterior.

Persisti seguindo o estranho.  
Enquanto isso a aglomeração aumentava de novo.  
Como de costume, ele ziguezagueava de um lado para o outro.

O sol ficava mais forte.  
Ficava mais difícil passar por tantas pessoas que transitavam.

As sombras da segunda noite se aproximavam.  
Eu já estava exausto.  
Parei na frente do andarilho, olhei-o firmemente em seu rosto.  
Ele não me notou, e retomou sua caminhada solene.

Enquanto isso, eu desistia de segui-lo.  
Fiquei ali, em frente à cafeteria, estupefato em contemplação.

Aquele era um gênio do crime.  
Ele nunca fica sozinho.  
Ele é o homem da multidão.  
Não adianta mais continuar eu continuá-lo seguindo.  
Nada mais posso aprender sobre ele.  
Este é mais um dos segredos da vida nunca será desvendado.  
O mistério do homem da multidão.

FIM

O conto “O homem da multidão” foi publicado pela primeira vez em 1840, um ano antes do conto “Assassinatos da Rua Morgue” que marca o início do gênero policial na literatura.

Daí a importância deste conto, que foi quase uma preparação do tipo de texto que seria utilizado futuramente por Edgar A. Poe nos contos com o detetive Auguste Dupin.

Lembrando que o detetive Dupin foi o primeiro da história da literatura, vindo antes que seus sucessores Sherlock Holmes, Hercule Poirot, Miss Marple, Arsène Lupin, entre outros.

Sem querer dar um *spoiler*, mas o final inusitado deste conto com um *plot twist* bem característico do autor, costuma criar uma certa sensação de estranheza no leitor, assim ocorre em várias obras do escritor.

